

READINGS AND TRANSLATIONS OF KARL MARX IN PORTUGAL (1852-1914)

Carlos Bastien (*)

(*)Universidade de Lisboa, ISEG, GHES, P-1249078 Lisbon, Portugal.
e-mail: carlosbastien@gmail.com

“One element of success they [workmen] possess — numbers; but numbers weigh in the balance only if united by combination and led by knowledge.”

K. Marx, *Inaugural Address*, 1864

‘As the translation of the *Manifesto* has shown once again, there seems to be no one over there who can convey our German (...). For that one must have literary experience in both languages, and not only the experience of writing for the daily papers.’

F. Engels (letter to Friedrich Sorge, 1883, June 29)

1. The first references to the writings of Marx

Não obstante o atraso económico, a quase inexistência de um proletariado moderno e a ausência no país de um movimento revolucionário semelhante que assolou a Europa em 1848, os acontecimentos políticos e culturais que então se produziram lá fora acabaram por encontrar algum eco na sociedade portuguesa, em particular nos círculos de intelectuais progressistas.

Os novos ideais de igualdade económica e de educação popular enquadrados nos sistemas ideológicos chegados da França revolucionária deram origem às primeiras associações operárias, à imprensa socialista e até a referências dispersas ao socialismo no âmbito da literatura universitária. Em revistas populares como o *Eco dos Operários*, *A Península* ou *A Esmeralda* e bem assim revistas académicas, em particular em *O Instituto*, surgiram

referências expressas e discussões, mas não traduções, em torno das ideias de Proudhon, maioritárias entre a intelectualidade progressista, e, por arrastamento, em torno das de Marx, que começava, por essa via, a ser conhecido e a influenciar alguns autores mais atentos à cena europeia.

Anyway, os representantes mais qualificados da primeira geração socialista portuguesa, activa no início dos anos 1850, pouco conheceram de Marx. Foi Amorim Viana, um professor de matemática que só episodicamente apoiou posições socialistas e que não citou Marx de modo explícito, quem se referiu então, na sua crítica às ideias de Proudhon, à necessidade de aplicar “as doutrinas [hegelianas] à economia política” de forma a “dar-lhe um valor científico e racional” (Viana, 1961 [1852]: 14).

José Oliveira Pinto, um estudante da Universidade de Coimbra, foi no entanto quem aprofundou a crítica de Proudhon e quem evidenciou um melhor conhecimento das posições teóricas de Marx, designadamente *The Poverty of Philosophy*, the first major presentation of Marx’s critique of political economy, que era então citada pela primeira vez em Portugal. Pinto retomava a ideia que “o método de Proudhon, que dando-se como sectário de Hegel, me parece que, na realidade, está longe de seguir tão fielmente como pretende inculcá-lo, os princípios metodológicos daquele filósofo” (Pinto, 1961 [1853]: 124-125), e criticava particularmente a suposta aplicação desse método à economia política: “a vantagem e o inconveniente: o bem e o mal em cada série económica – a divisão do trabalho máquinas, cocorrência, monopólio, imposto, propriedade, etc, — eis o que Proudhon nos apresenta em lugar em lugar do processo dialéctico que nos havia prometido. Chegado a este ponto, o criador da nova economia social não passa, como diz Marx, de um burguês para que Napoleão parece um grande homem porque fez muito bem e muito mal. O *novo organon* de Proudhon fica reduzido às proporções de uma espécie de maniqueísmo económico” (*idem*: 128-129). A própria teoria do valor de Proudhon era teared to pieces just as in Marx’s book. Observava então Pinto que: “como muito judiciosamente nota Karl Marx, desde que o homem reconhece colaboradores em funções diversas, reconhece a divisão do trabalho; reconhecendo esta, reconhece uma ordem de produção baseada sobre ela, reconhece a troca e, por isso, o valor de troca. De forma que, em última análise, Proudhon querendo explicar-nos a maneira como o valor utilidade se transforma em valor de troca, reconhece a existência dessa transformação já

feita” (*idem*: 126). Não obstante estas observações críticas, nem Viana nem Pinto seguiram Marx na acusação a Proudhon de incompreensão do papel da luta de classes. Acresce que apesar das referências implícitas e explícitas a Marx, a relação destes intelectuais com o marxismo revelou-se episódica e circunstancial, de tal forma que Pinto podia tomar Bastiat como “o maior economista dos nossos dias” (*idem*:: 133). Os próprios animadores do movimento socialista nascente eram, também eles, largamente influenciados pelo socialismo utópico e por Proudhon, concebendo a transformação social como uma consequência da propagação das ideias e não como um resultado da luta das massas trabalhadoras, como sucederia mais tarde.

O Marx destes anos — em rigor um Marx ainda pré-marxista — não teve pois, não obstante os exemplos citados, influência significativa na cena portuguesa, nem em particular no movimento operário e associacionista, sendo que apenas a citada *The Poverty of Philosophy* teve algum impacto local, porventura porque a circunstância de ter sido o único livro de Marx originalmente escrito em francês facilitou o seu conhecimento por parte de alguns intelectuais portugueses. Marxism came early to Portugal mas não, nesta primeira fase, através de local translations of Marx, cujo nome era, aliás, pouco conhecido.

2. Under the aegis of the International and of the Paris Commune

Nas duas décadas posteriores à agitação revolucionária de 1848, Portugal conheceu uma fase de desenvolvimento do capitalismo, de algum progresso industrial, e mesmo de afirmação do movimento dos trabalhadores, em particular através da constituição de associações mutualistas, de sociedades de instrução popular e de algumas cooperativas. Este movimento tinha então base organizativa no *Centro Promotor de Melhoramentos das Classes Laboriosas*, criado em 1852 e cuja sustentação ideológica residia no socialismo utópico e em Proudhon.

A situação mudou no entanto de modo significativo no início da década de 1870, fundamentalmente em consequência do crescimento do próprio operariado mas também em função do grande impacto local da Comuna de Paris, que representou o verdadeiro take-off do socialismo em Portugal e que

tornou Marx e a International Workingmen's Association (IWA) conhecidos em Portugal. A federação portuguesa da IWA foi assim criada em 1871, logo após uma ligação estabelecida através de militantes espanhóis temporariamente exilados em Portugal.

O movimento operário adoptou então novas formas de organização, designadamente de tipo sindical, com destaque para criação em 1872 de uma primeira central, a *Fraternidade Operária*, sendo que esta tinha uma estreita relação com os membros da IWA. Dessa conjugação adveio uma alteração da tática do movimento operário, que passou a recorrer frequentemente à greve como arma de luta e ao confronto directo do capital como estratégia.

Pouco antes, em 1871, haviam decorrido em Lisboa as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense. Essas conferências, promovidas por um núcleo de intelectuais progressistas, parte dos quais com actividade junto das organizações operárias, resultaram na crítica do liberal model vigente no país, sendo que a sua proibição parcial ajudou a definir uma nova geração socialista e a amplificar o seu impacto junto da opinião pública. Uma dessas conferências, entretanto proibida pelo governo, que deveria ter sido proferida por Jaime Batalha Reis, professor de economia e de agronomia, destinava-se justamente a expôr os fundamentos do socialismo de Proudhon e do de Marx e Engels.

Apesar de ideologicamente Proudhon continuar a ser nestes anos uma referência doutrinária importante, porventura maioritária, nos círculos progressistas locais, a federação portuguesa da IWA revelou-se politicamente alinhada com a fracção Marxista dominante no General Council. A presença em Lisboa em Julho de 1872 de Laura Marx e de Paul Lafargue, que representou a federação portuguesa at the Hague Congress in September of that same year, e os contacts by letter com Engels, favoreceram esse alinhamento. Em consequência das decisões ali tomadas, ocorreu, em 1873, a fusão das principais associações sindicais e, em 1875, a fundação do Socialist Party. Este foi, aliás, o primeiro partido socialista a formar-se na Europa em resultado das decisões do The Hague Congress, antecedendo mesmo o Congresso de Gotha que deu origem ao Partido Socialista Unificado da Alemanha. Dada a boa relação política dos “internacionais” portugueses com Engels, este chegou a informar a federação portuguesa da IWA que pretendia

elaborar um pequeno estudo sobre Portugal o qual, however, não terá sido escrito (cf. Fonseca, 1973: 69).

Ainda em 1872, inciou-se a publicação de *O Pensamento Social*, um journal editado conjuntamente pela federação local da IWA e pela *Fraternidade Operária*. Este jornal, que contou com a colaboração de intelectuais progressistas de várias tendências, contribuiu decisivamente para a autonomização política e cultural da classe trabalhadora,. Foi nas suas páginas que em 1873 surgiu uma primeira tradução portuguesa, em fascículos e incompleta, of the *Communist Manifesto* feita por José Nobre França, um operário tipógrafo do Official Printing Office e secretário da federação de Lisboa da IWA, a partir da tradução espanhola, também ela parcial, publicada, em finais de 1872, por José Mesa no jornal madrilenho *La Emancipacion* (vd. *Pensamento Social*, nº 46 a 51). O *Communist Manifesto* teve logo a seguir uma edição em livro baseada na mesma tradução publicada em *O Pensamento Social* e algumas outras edições em jornais socialistas, designadamente em *A Voz do Operário* e no *Protesto Operário*, em 1887, e no *Eco Socialista*, em 1892, bem como uma nova edição em livro, em 1893, no âmbito de uma colecção designada *Biblioteca Revolucionária Socialista*.

Para além do *Communist Manifesto*, o primeiro documento programático do marxismo, também, e por duas vezes, as *General Rules* e o *Inaugural Address* da IWA tiveram tradução portuguesa publicada em *O Pensamento Social*, em 1872 e 1873 (nº 6 e 51 e nº 44 e 45, respectivamente), e novamente no paper socialista *O Protesto*, em Maio de 1877. As *General Rules* vinham acompanhadas da indicação que haviam sido revistas nos Congressos da IWA mas o texto publicado era o da versão elaborada por Marx e publicada in November 1864 em Londres com a indicação de se tratar de *Provisional Rules of the IWA*.

A publicação destes textos era expressão do progressivo acentuar da influência marxista no movimento operário português e desde logo em *O Pensamento Social*. Essa tendência ficou ainda visível em alguns artigos em particular em *A teoria da luta de classes*, publicado no nº 19, de Julho de 1872, do referido paper, que mais não era que um excerto do chapter 2 da *The Poverty of Philosophy* de Marx, traduzido da versão espanhola publicada no jornal *La Emancipacion*.

O Pensamento Social publicou também uma nota subscrita por Engels, na qualidade de secretário do General Council, sob o título *AIT - Conselho Geral, Resoluções relativas ao Congresso internacional*, sublinhando a necessidade de a organização proceder a uma revisão estatutária no The Hague Congress. A continuada proximidade estratégica entre o General Council e a Portuguese Federation levou o próprio Engels a referir-se a *O Pensamento Social* como an “excellent paper” (cf. Fonseca, 1973: 69).

Até ao termo do século XIX, as edições alemãs de *Capital* não chegaram a Portugal e também não existiu qualquer tradução portuguesa. No entanto, o citado José Nobre França, o principal leader da Portuguese Federation da IWA, recebeu de Marx em 1873 dois exemplares da edição francesa (tradução de Joseph Roy) do Livro I — provavelmente só de parte do volume dado que essa primeira edição se fez em fascículos entre 1872 e 1875 —, um dos quais com dedicatória pessoal. Paralelamente, chegaram a Lisboa, à Livraria Internacional, mais cerca de 150 exemplares que foram aí vendidos clandestinamente. A relativamente grande procura do livro deveu-se não só ao facto de Marx ser já então um figura conhecida e prestigiada nos meios progressistas portugueses mas também ao facto de muito destes militantes marxistas verem nessa obra um instrumento de combate ao proudhonismo que continuava a influenciar “a mocidade literária” (Carta de José Nobre França a Marx de 17.8.1873 in Santos, 1983: 34). Era, aliás, esse prestígio de Marx que levou José Fontana, origem suíça-italiana, e então o mais destacado leader do movimento sindical a pedir-lhe “um escrito seu” (Carta de José Fontana a Marx de 20.12.1873 in Oliveira, 1978: 51) para ser lido num comício em apoio de workers do tabaco em greve e perseguidos pelos patrões e pelo governo.

Em qualquer caso, a obra filosófica e teórica de Marx e de Engels permanecia em grande medida desconhecida mesmo entre esta vanguarda dos trabalhadores portugueses. Aparte o *Communist Manifesto*, que conheceu uma efectiva divulgação em Portugal nos anos 1870 e seguintes, e, em certa medida, *The Poverty of Philosophy*, os seus outros escritos permaneceram unpublished ou numa certa obscuridade. Em 1859, Marx publicou, em alemão, *A Contribution to the Critique of Political Economy*, um rascunho preparatório do *Capital* no qual expunha originalmente a sua teoria do valor, mas esse escrito que teve então limitado impacto na Europa e permaneceu desconhecido

em Portugal. Nem mesmo o aparecimento progressivo de traduções francesas alterou significativamente a situação. The length and difficulty of these writings fazia com que fossem little read. Mesmo textos de natureza didática as *Wage Labour and Capital*, originalmente publicado em alemão em 1849, permaneceram desconhecidos.

Assim, para além do *Communist Manifesto* and *Capital*, chegados a Portugal nas condições já referidas, os leaders dos operários portugueses destes anos, e mesmo os intelectuais que lhes estavam próximos, pouco terá contactado com Marxist literature e a exchange of letters com Engels só muito superficialmente podem ter marcado a sua evolução teórica e doutrinal. A atitude combativa de que deram mostras resultou porventura mais do exemplo da Comuna de Paris e da observação empírica das condições de vida dos trabalhadores portugueses, do entusiasmo resultante das primeiras greves vitoriosas e de uma capacidade de reflexão própria que de um conhecimento teórico e político aprofundado. Apesar do alinhamento com a fracção Marxist da IWA, e até da boa relação estabelecida com Marx e Engels, a generalidade dos leaders políticos e sindicais teve dificuldade em entender a rotura introduzida por Marx na teoria e na doutrina do socialismo, sendo que própria crítica de Marx a Proudhon, adoptada por parte da geração de 1850, foi em larga medida ignorada nos anos 1870.

Muitos dos membros desta segunda geração socialista portuguesa revelaram-se mais sensíveis ao equilibrium of Proudhon's antinomies que à luta de classes e à definição das condições em que poderiam break the hold of capitalism over the country. Não por acaso, eles não produziram então qualquer discussão teórica relevante nem qualquer analysis of Portuguese domestic issues obedecendo a uma metodologia propriamente marxista. O relatório enviado por Nobre França a Marx é disso exemplo esclarecedor (Carta de J. Nobre França a Engels de 24.6.1872 in Oliveira, 1978: 19-34).

Entretanto, as ideias de Marx chegavam discretamente à academia portuguesa. O acima citado Jaime Batalha Reis introduzia nas suas aulas no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa a apresentação do socialismo de Proudhon e o de Marx e Engels, justamente o tema da conferência pública que o governo havia proibido algum tempo antes. (cf. **NOTA DN 6.1921: 1**).

Por esta mesma época, José Frederico Laranjo, à data estudante de Direito na Universidade de Coimbra, em conferência pública realizada em Janeiro de

1874 sobre as origens do socialismo referiu passageiramente a crítica de Marx a Proudhon (cf. Laranjo, 1873: 205). Numa segunda conferência proferida em Novembro daquele mesmo ano sobre o efeitos das máquinas no emprego já citava aprovativamente *Capital*, em particular o capítulo XV do Livro I, e retomava a crítica a Proudhon citando *The Poverty of Philosophy*. A sua conclusão era então a de que “o socialismo é necessário, fatal, legítimo” (Laranjo, 1874: 74).

Nada disto obstou ao aparecimento uma literatura fortemente crítica da acção IWA e do Marxism. O exemplo mais relevante é o de Rodrigues de Freitas, professor de Economia e político republicano, que se propôs dar conta «das doutrinas da Associação Internacional dos Trabalhadores». Num texto mais polémico que propriamente teórico, no qual transcrevia excertos do *Inaugural Address* e do *Communist Manifesto* e em que referia o *Capital* acusava os internacionalistas de “desconhecerem as mais rudimentares verdades económicas”, designadamente de não saberem “como se cria o capital [pois] se houvessem reflectido mais nisto deparariam rapidamente com a harmonia entre ele e o trabalho” (Freitas, 1872: 38).

3. At the close of the nineteenth century

Depois deste surto de interesse intelectual e de forte influência real das ideias marxistas no movimento operário e em alguns círculos intelectuais adveio uma fase de recuo. O movimento sindical e a ofensiva grevista enfraqueceram significativamente após 1873.

No plano político, emergiu, como já se referiu, o Partido Socialista. Este, fundado pelos antigos membros da federação local da IWA, procurou manter a ligação ideológica e política com o Marxism internacional, não obstante a transfer of the General Council to New York e posterior dissolução da IWA em 1876 terem contribuído para tornar essa ligação mais difícil.

Anyway, o Partido Socialista manteve-se como um pequeno partido, com limitada influência entre a classe operária, mesmo depois de em 1878 se ter fundido com a *Associação dos Trabalhadores da Região Portuguesa* — uma

importante organização sindical — num congresso em que recebeu uma “saudação enviada por Marx e Engels “ (Nogueira, 1964: 82).

Dirigido longamente por Azedo Gneco — a worker de origem italiana at the Lisbon Mint –, este partido privilegiou uma orientação reformista que, contudo, manteve o marxismo como referência doutrinária genérica. Mesmo quando Azedo Gneco revelou em carta a Engels o seu esforço para alcançar “alguns conhecimentos científicos” (carta de Azedo Gneco a Engels em 18.1.1876 in Oliveira, 1978: 55), o resultado não foi além de uma muito limitado conhecimento do marxismo e da conseqüente incapacidade de elaboração teórica e doutrinária. In fact, the Socialist Party não conseguiu realizar uma verdadeira fusão do marxismo com o movimento operário português. Marxist education of its members was rudimentary.

Só já na década de 1890 é que o movimento operário recuperou significativa capacidade organizativa, reivindicativa, e mesmo ideológica – particularmente visível no quarto programa adoptado pelo Socialist Party em 1895 —, depois deste mesmo partido ter participado em 1889 no Congresso fundador da Second International. Anyway, a boa relação entre as principais figuras do marxismo internacional e os socialistas portugueses permanecia firme. Em 1883, quando da morte de Marx, a imprensa operária portuguesa assinalou comovidamente o evento, referindo “o valente campeão do socialismo moderno ao qual a classe operária tanto deve” (cf. Santos, 1983: 40), e Engels, em 1887, no *Preface to the American edition of The condition of the Working Class in England*, wrote: “at this moment the mass of European Socialists, in Germany and in France, in Belgium, Holland and Switzerland, in Denmark and Sweden as well in Spain and Portugal, are fighting as one common army under one and the same flag”.

Ao contrário do que havia sucedido com a Portuguese Federation da IWA e com outros partidos socialistas do Sul da Europa, o Socialist Party não promoveu directamente a edição de obras de referência do pensamento marxista nem publicações próprias devotadas à criação teórica. Limitou-se à publicação de jornais, dois dos quais, o *Protesto Operário* e o *Eco Socialista*, que exprimiam as posições da fracção marxista. Também they never really applied Marxist categories to the analysis of the Portuguese reality de uma forma consistente, o que era uma conseqüência da sua fraca Marxist education.

Entretanto, *Anti-Duhring*, publicado ainda em 1878 por Engels, contendo uma apresentação das posições marxistas na filosofia e na interpretação histórica, um resumo da teoria do valor e da mais-valia e uma análise da evolução do socialismo, obteve significativo impacto na Europa, ainda que não em Portugal. Azedo Gneco, em polémica com os leaders republicanos, mencionou a descrição do processo histórico contida naquele texto, que, aliás, citava expressamente, mas foi uma excepção (cf. Gneco, 1883: 2).

In 1880, at Paul Lafargue's request, Engels took three chapters of *Anti-Dühring* and created *Socialism: Utopian and Scientific* that would become one of the most popular socialist pamphlets na época da Second International. Este livro já obteve alguma difusão em Portugal, apesar de só ter tido edição local em 1889.

Também *Capital* de Marx teve edição portuguesa nesta época, ou melhor, duas edições diferentes, ambas em 1912, mas apenas em tradução do survey do Livro I publicado em França por Gabriel Deville em 1883 (Marx, 1912a e Marx, 1912b). Esta versão omitia matéria tratada em pelo menos quatro capítulos do texto original e não foi particularmente apreciada por Engels. Tratava-se de um texto simplificado, vocacionado para apoiar a formação dos militantes socialistas e que tornou possível a estes o acesso, ainda que indirecto, à obra de Marx. Os demais resumos e antologias do *Capital*, que, com propósito afim do de Deville, circularam pela Europa neste período ou foram ignorados em Portugal, como sucedeu com o de Carlo Cafiero, ou foram apenas pontualmente citados, como sucedeu com os Paul Lafargue e de Karl Kautsky, nas suas versões francesas.

Anyway, Portuguese socialist leaders encontravam-se nesta fase mais atentos à acção de políticos francophones como Jules Guesde, Benoit Malon, Paul Lafargue ou Emile Vandervelde, correntemente referidos na imprensa operária portuguesa e cujos escritos foram pontualmente traduzidos e publicados em Portugal, que aos founding fathers do Marxism. Fora do Partido Socialista a referência doutrinária e política, em particular a partir do início do século XX, era essencialmente anarquista, ao ponto de um operário do calçado e militante comunista da primeira hora se referir à situação da sua classe em 1913 nos seguintes termos: “falavam de anarquismo, de burguesia, citando livros como *The Conquest of Bread*, de Pedro Kropotkin, *Between Peasants*, de Malatesta [que tiveram então edição portuguesa] (...). Hoje posso recordar-

me de que nunca ou ouvi falar de Marx nem de Engels” (Silva, 1971: 27). Em qualquer caso, o movimento anarquista neste fim de século em Portugal, representado no plano doutrinal sobretudo por Silva Mendes, acolhia, em matéria económica, o contributo de Marx, “o socialista mais prestigioso [que] já tinha criticado com vantagem as ideias económicas de Proudhon e transformado o associacionismo em colectivismo” (Mendes, 1896: 210).

Da importação acima referida do *Capital*, volume I — dos volumes II, III e IV não ficou rasto na literatura política ou académica portuguesa da época — perduraram alguns efeitos. Antero de Quental, Jaime Batalha Reis e Oliveira Martins terão porventura sido alguns dos leitores daqueles exemplares do Livro I, mas foi o já citado José Frederico Laranjo, entretanto transformado em professor na Universidade de Coimbra, membro do Partido Progressista e deputado quem lhe dedicou maior atenção. Nas suas lições de political economy, reveladoras de uma posição teórica eclética, dava algum relevo, e citava várias vezes, *The Poverty of Philosophy* e sobretudo o *Capital*, concluindo, por exemplo, que “é Karl Marx que trata a questão [os efeitos das máquinas no desemprego] com mais profundidade” e ainda que “a análise da escola socialista é verdadeira” (Laranjo, 1891: 48 e 50). Laranjo foi justamente o primeiro dos leitores portugueses de Marx a destrinçar a componente analítica da componente doutrinária do marxismo e a acolher alguns conceitos próprios deste sistema teórico que utilizou na crítica que dirigia aos economistas liberais. Foi justamente a partir deste momento que a generalidade dos academic treatises of political economy publicados no país, designadamente os de José Marnoco e Sousa, expressando o ensino que então se realizava na Universidade de Coimbra, passaram a incluir frequentes referências analíticas a Marx (*vd.* por todos, Sousa, 1910). Contudo, tais referências incluídas numa visão teórica eclética nunca acolheram a ideia de oposição entre political economy of labor and political economy of property, como o próprio Marx had suggested in the *Inaugural Address*.

Neste período, as referências a Marx vão-se multiplicar, designadamente em papers e dissertações académicas. Os mais relevantes desses works são porventura, o de Roberto Ferreira, professor da Academia Politécnica do Porto e possivelmente o único destes autores, para além do já citado Laranjo, a ler o Livro I do *Capital* na sua versão integral, que continha a mais minuciosa e correcta exposição do sistema económico marxista publicada nestes anos

(Ferreira, 1889). Também Guilherme Moreira, professor da Universidade de Coimbra, publicou um estudo discutindo as ideias económicas de Marx acerca do valor, preço e lucro, não obstante apresentar alguns erros interpretativos manifestos (Moreira, 1891).

Ao contrário destes autores, muitos outros que se referiram a Marx fizeram-no numa perspectiva hostil e nem sempre muito profunda.

Their writings — e foram muitos — fall roughly in three categories. The first comprises texts com uma intenção meramente polémica por parte de autores que na sua maioria não terão sequer lido com cuidado os escritos de Marx que criticam. Exemplo desta atitude é Basílio Teles, um conhecido economista republicano, que considerava a teoria marxista do valor errada por não discernir valor absoluto de valor relativo, mas situava esses conceitos em contextos analíticos que nada tinham que ver com o marxismo como o de “auto-retribuição e de retribuição social” (Teles, 1901: 13).

The second category is that of papers with âmbito de reflexões mais extensas e cuidadas. António Pires de Lima, à data estudante de direito na Universidade de Coimbra, teve a particularidade de incluir na sua crítica a Marx um resumo do *Capital* — o que era inédito — ainda que baseado nos *Extracts* published by Paul Lafargue. A sua digressão teórica e sua crítica do sistema Marxist continha erros interpretativos importantes e deixava claro a number of perplexities about Marx’s account of capitalist economy. A conclusão a que chegava era no entanto absolutamente contrária a Marx mas ajustada à mentalidade dominante nesta transição de século entre os economistas, notando, designadamente, que “o valor não tem uma medida objectiva determinada, sendo uma dependência de condições inerentes ao indivíduos que trocam” e que, por consequência “todo o valor vem realmente do trabalho, mas não do trabalho do produtor: do trabalho do consumidor” (Lima, 1900: 3 e 6).

Para além das razões propriamente teóricas invocadas nestas apreciações críticas do Marxism, acrescia em muitas delas — e esse era the third category — uma razão de ordem epistemológica: a leitura de Marx era frequentemente bloqueada pela visão positivista — a corrente filosófica que maior influência exerceu no ultimo quartel do século XIX em Portugal — que não permitia entender as relações mais gerais subjacentes à economia capitalista, que tomava por uma construção arbitrária e que, em contrapartida, favorecia

uma abordagem imediatizante do funcionamento da economia. António Osório, um economista de formação neoclássica, foi porventura quem mais claramente expressou essa atitude “É certo que Marx parece deduzir muitas das suas conclusões da simples observação dos factos, e não sair portanto para fora do campo da ciência. Na realidade as suas principais proposições foram por ele postas antes e independentemente dos factos, de que parece deduzi-las. Estes foram acrescentados a uma concepção já formada e a uma ideia já assente” (Osório, 1911: 4). Esta crítica de Osório, antecedendo um estudo de economia matemática que nada tinha que ver com Marx, tem a particularidade de deixar claro que a contribuição deste último para a economia política se tinha tornado incontornável mesmo na Portuguese academia.

Ao contrário do que sucedeu noutros países da European periphery, most of those intellectualls were involved in political discussions or in economic abstract discussions but they never offered an analysis or policy recommendations to foster industrialization of the country (cf. Psalidopoulos and Theocarakis, 2011: 172 and 178).

No plano da reflexão filosófica, o marxismo foi inexistente neste período. A própria expressão dialectical materialism, introduzida por Engels no *Anti-Duhring*, esteve ausente da literatura portuguesa desta época. Acresce que a produção historiográfica também se manteve à margem de qualquer interpretação baseada no materialismo histórico. Embora os fundamentos da concepção materialista da história estejam já enunciados no *Communist Manifesto* — “the history of all hitherto existing society is the history of class struggles” —, a expressão historical materialism só foi introduzida por Engels no início da década de 1890. Em Portugal, ela foi raramente mencionada, embora Marnoco e Sousa a tenha introduzido nas suas lições of political economy, designadamente quando notou que “a importância dos fenómenos económicos na evolução social foi ultimamente posta em evidência pelo materialismo histórico, que tem um valor científico excepcional no movimento científico contemporâneo” (Sousa, 1905: 43).

4. Concluding remarks

Inventariadas as mais significativas citations, critical discussions surveys and translations de Marx ocorridas em Portugal até à World War I, há que sublinhar que a recepção das ideias de Marx decorreu de uma forma descontínua ao longo do tempo e, em parte significativa, no espaço universitário. Os autores recenseados eram na sua maioria estudantes ou professores da Universidade de Coimbra, assumindo nesse quadro uma postura académica por regra estranha a uma eventual prática política socialista.

Alves Moreira foi, ainda assim, o único desses académicos a adoptar concepções políticas socializantes, embora num plano puramente intelectual, abstracto, não militante. Não existiu a figura do professor que, para além do seu trabalho na academia, procura difundir as ideias de Marx em articulação com um empenhamento na luta política socialista. Portugal não teve o seu Labriola.

Ao contrário, a generalidade dos comentadores de Marx revelaram-se não marxistas ou antimarxistas, Na sua maioria evidenciaram uma mundivisão positivista, que esteve na base de frequentes erros interpretativos. Também não revelavam originalidade, retomando em geral argumentos constantes da literatura que na época circulava na Europa.

Most of Marx's writings were linguistically inaccessible aos portugueses que, com raras excepções, não tinham contacto com a cultura alemã. Portuguese translations were infrequent e em geral tardias, desde logo porque o numero de leitores potenciais era pequeno e a generalidade dos intelectuais tinha acesso às traduções espanholas e sobretudo às francesas, tanto dos textos originais de Marx e Engels como da maioria da literatura secundária que se lhe seguiu —, embora essa circunstância acabasse por impor limites importantes no acesso dos militantes políticos a livros e jornais.

Diversa era a situação dos leaders operários. Azedo Gneco assinalou isso mesmo ao notar em carta a Engels: “aprendi algumas línguas apenas para poder compreender os livros que tinha a consultar” (carta a Engels, de 18.1.1876 in Oliveira, 1978: 55). Contactos pessoais directos entre os leaders da IWA e os membros da Portuguese Federation resumiram-se ao citado encontro com Lafargue em Lisboa. Nenhum leader português participou nos congressos da IWA.

The economic and social conditions of the country did not help the creation or the diffusion of Marxist ideas. Anyway, Marxism teve presença relevante

na cena portuguesa, sobretudo no decurso dos anos 90, período em que começava a ser patente a sua institucionalização nos meios académicos mas, ainda assim, em condições que confirmavam Portugal as an intellectual periphery, that is, a country with a “high propensity to import ideas” (Maki, 1996: 309).

References

- Engels, F., 1889, *O socialismo utópico e o socialismo científico*, Lisboa, Typ. Phenix.
- Ferreira, R. , 1889, *A retribuição dos operários*, Porto, Typ. de A. J. da Silva Teixeira.
- Fonseca, C., 1973, *A origem da 1ª Internacinal em Lisboa*, Lisboa, Editorial Estampa.
- Freitas, J. R., 1872, *A revolução social — análise das doutrinas da Associação Internacional dos Trabalhadores*, Porto, Typ. do Commercio do Porto,.
- Gneco, A., 1883 , *Os socialistas não servem para degraus*, in “O Protesto Operário”, de 4 .2.1883, pp: 1-2.
- Nogueira, C., 1964, *Notas para a história do socialismo em Portugal (1871-1910)*, Lisboa, Portugália Editora.
- Laranjo, J. F., 1873, *Origens do socialismo*, in “O Instituto” vol. 18, nº 7-12, , pp. 201-219.
- Laranjo, J. F., 1874, *Origens do socialismo*, in “O Instituto” vol. 20, nº 7-12 , pp. 57-74.
- Laranjo, J. F., 1891 [1997], *Princípios de economia política*, Lisboa, Banco de Portugal.
- Lima, A. P., 1899, *As doutrinas económicas de Karl Marx*, in “O Instituto” vol. 47, pp. 2-11.
- Maki, U., 1996, *Economic thought on the outskirts: toward a historiographical framework for studying intellectual peripheries*, in *Research in the History of Economic Thought and Methodology*, vol. 14: 307-323.
- Mark, K, 1912a, *O Capital*, Lisboa, Typ. Francisco Luiz Gonçalves.
- Mark, K, 1912b, *O Capital*, Lisboa, Typ. Lucas Guimarães & Co.
- Mendes, M. S., 1896, *Socialismo libertário ou anarchismo*, s/l, s/ed.
- Moreira, G. A., 1891, *O lucro e a questão económica*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Oliveira, C., 1978, *13 cartas de Portugal a Marx e Engels*, Lisboa, Iniciativas Editoriais.
- Osório, A. H., 1911 (1996), *A matemática na economia pura: a troca*, Lisboa, Banco de Portugal.
- Pinto, J. O., 1853, *Proudhon e a economia política*, in Petrus, *Proudhon e a cultura portuguesa*, Braga, Editorial Cultura.
- Psalidopoulos, M. and Theocarakis, N., 2011, *The dissemination of economic thought in South-Eastern Europe in the nineteenth century*, in Kurz, H., et alii, *The dissemination of economic ideas*, Cheltenham and Northampton, Edward Elgar.
- Santos, F. P., 1983, *Marx e o movimento operário português*, in “Vértice”, nº 453, pp.28-40.
- Silva, J., 1971, *Memórias de um operário*, V. N. Famalicão, Livraria Júlio Brfandão.

Sousa, J. M., 1905, *Sciencia económica*, Coimbra, Typ. França Amado.

Sousa, J. M., 1910 ((1997), *Ciência económica*, Lisboa, Banco de Portugal.

Teles, B., 1901, *Introdução ao problema do trabalho nacional*, Porto, Livraria Chardron.

Viana, A., 1961, *Análise das contradições económicas de Proudhon*, in Petrus, *Proudhon e a cultura portuguesa*, Braga, Editorial Cultura.

Appendix

Year	Works of Marx and Engels	Portuguese translations, surveys or citations
1841	The Difference Between the Democritean and Epicurean Philosophy of Nature (a)	
1843	Critique of Hegel's Philosophy of Right	
1844	The Holy Family Economic and Philosophic Manuscripts	
1845	Theses On Feuerbach Condition of Working Class In England	
1846	The German Ideology	
1847	The Poverty of Philosophy The Principles of Communism Wage Labour and Capital Communist Manifesto	
1849	Wage Labour and Capital	
1850	The Peasant War in Germany The Class Struggles in France, □ 1848 to 1850	
1852	Revolution and Counter-Revolution in Germany The Eighteenth Brumaire □ of Louis Bonaparte	
1853	-	The Poverty of Philosophy (*)
1859	A Contribution to the Critique of Pol. Economy	
1864	Inaugural Address of IWA	
1867	Capital – volume I	
1871	The Civil War in France	
1872	The Housing Question	Communist Manifesto
1873		Inaugural Address of IWA

- 1875 Critique of the Gotha Programme
- 1878 Anti-Dühring
- 1880 Socialism: Utopian and Scientific
- 1883 - Anti-Dühring (*)
- 1884 The Origin of the Family, Private Property
and the State
- 1885 Capital – volume II
- 1886 Ludwig Feuerbach and the End of Classical
German Philosophy
- 1889 - Socialism: Utopian and Scientific
- 1894 Capital – volume III
- 1898 Value, Price and Profit
- 1905 Capital – volume IV
- 1912 - Capital – vol. I (Deville version)
-

(*) Brief quotation.